

Investigação em arquivo tendências dos anos 90*

PAULO J. S. BARATA

A investigação produzida por uma qualquer ciência ou ramo do conhecimento constitui um dos principais indicadores para avaliar o seu estado de desenvolvimento. É através do número e da qualidade dos trabalhos produzidos pelos membros de uma determinada área da comunidade científica que podemos aferir da sua vitalidade e dinamismo, sendo frequente que os seus profissionais produzam com regularidade trabalhos de análise e balanço sobre o estado da pesquisa, o que pode ser entendido como um normal mecanismo de auto-avaliação.

Estes pressupostos são igualmente válidos no que diz respeito à Arquivística, contudo, quanto a esta, pode dizer-se que mesmo a nível internacional são praticamente inexistentes trabalhos que nos permitam traçar o quadro do seu estado.

Importa aqui referir que seguimos um critério bastante lato sobre o que se entende por pesquisa ou investigação em arquivo – todo e qualquer material publicado, seja artigo ou monografia. Esta amplitude das expressões é, em termos teóricos, bastante menos restritiva do que, por exemplo, aquela que é proposta por César Gutiérrez Muñoz, quando refere que, «[...] não pode ser considerada investigação a mera pesquisa de informação e de novos dados, ou o simples exame de um qualquer tópico» (1994, p. 530), reforçando mais adiante quando afirma, «escrever e publicar um livro, artigo ou qualquer trabalho não envolve necessariamente investigação, já

* Dado o recurso frequente a citações bibliográficas em língua inglesa e francesa, optámos por efectuar uma tradução livre das mesmas, a fim de tornar a leitura do texto mais fúida. Optou-se também por não transcrever em nota o texto na língua original uma vez que o inconveniente que daí adviria, sobrecarga das notas já de si extensas, era maior do que a vantagem, fornecer a *versão original de controlo*.

que em muitos casos os textos são uma compilação de dados colhidos das mais variadas fontes» (ob. cit., p. 530).

Num sentido mais amplo se pronuncia também Richard J. Cox quando para a avaliação da teoria arquivística norte-americana considera «[...] qualquer trabalho publicado sobre a profissão, a sua missão ou os seus procedimentos técnicos, neles incluindo artigos descritivos, relatórios, estudos de caso, estudos históricos e tratados (1987, p. 307). Mesmo quando a literatura é puramente descritiva ou histórica pode contribuir para o desenvolvimento da teoria arquivística», refere ainda (ob. cit., p. 307).

John W. Roberts, por exemplo, refere existirem dois tipos de teoria arquivística. Uma que descreve e explica procedimentos arquivísticos, designadamente, quadros de classificação, definição de séries, reconstituição de proveniências. E outra que diz respeito aos conteúdos e ao contexto de produção dos documentos. A primeira socorrendo-se da mera técnica arquivística, a segunda dos contributos da história, da sociologia e de outras áreas que possam ajudar à compreensão de como e porquê aqueles documentos foram produzidos (1987, p. 66-74)¹. O que coloca a questão da delimitação da fronteira entre o arquivista e o historiador.

Arquivista ou investigador

A compartimentação e a cada vez maior especialização do saber, assim como o surgimento dos arquivos contemporâneos, tornaram a

¹ A questão da existência ou não de uma teoria arquivística tem sido amplamente debatida entre os arquivistas norte-americanos e canadianos, sendo de salientar, por um lado, a posição polémica e heterodoxa de John Roberts nos artigos citados na bibliografia, em que reduz a teoria arquivística a um conjunto de técnicas que se podem adquirir empiricamente, apelidando-a de «irrelevante» e «intelectualmente frívola» e defendendo sim uma boa formação de base em História, e, por outro lado, a posição do Prof. Terry Eastwood, secundado por Richard Cox, entre outros, defendendo a existência de um corpo doutrinário que consubstancia a autonomia de uma teoria arquivística (vd. sobretudo a excelente sistematização – EASTWOOD, 1994, p. 122-130). O ponto mais alto da polémica teve lugar, em 1993, na Conferência Anual da Associação de Arquivistas Canadianos, realizada em St. John's, Newfoundland, subordinada ao tema *Between the rock and a hard place: archival theory and practice*, em que John Roberts e Terry Eastwood apresentaram os seus pontos de vista antagónicos quanto à existência, relevância, significado e validade da teoria arquivística, cujas comunicações e debates foram publicados no nº 37 da revista *Archivaria*.

Arquivística uma disciplina autónoma, e já não uma ciência auxiliar da História, afirmando a especificidade da sua teoria e metodologias², contudo, o arquivista permanece, ainda hoje, essencialmente como um elemento de ligação e apoio ao investigador, facultando-lhe as fontes, mas não podendo nunca confundir-se com ele. O arquivista cria as condições, ou seja, os instrumentos de trabalho que irão permitir ao investigador trabalhar, sendo-lhe estritamente vedado investigar o acervo à sua guarda. Apesar desta questão colocar problemas éticos e deontológicos que seria necessário aprofundar e debater no seio dos profissionais. Em situação limite o arquivista poderia ser tentado a colocar reservas à consulta dos materiais para uso próprio ou até organizar os fundos de acordo com as suas prioridades de investigação, não é menos verdade que é utópico pensar-se num profissional asséptico, completamente indiferente relativamente aos materiais que trata.

Richard J. Cox, acerca do trabalho de referência em arquivo, reconhece que normalmente o arquivista vai-se tornando especialista nos temas relacionados com os fundos que trata, assim como um conhecedor da bibliografia relativa aos mesmos (1983b, p. 186). Constitui-se assim um capital de conhecimento e de experiência que, em muitos casos, se encontra subaproveitado e que importa rentabilizar.

A separação absoluta de papéis está ainda hoje presente, por exemplo, no quadro do Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do

² A autonomia da Arquivística em relação à História, iniciada após a Primeira Guerra Mundial, aprofundou-se depois da Segunda, com o aparecimento das grandes massas documentais produzidas pelas administrações modernas, sobretudo nos países anglo-saxónicos, onde surge a figura do gestor de documentos. Esta independência, apesar de tudo relativamente recente, faz com que na procura de afirmação da sua identidade, os arquivistas encarem a pesquisa histórica como tabu, algo intocável, sob pena de um hipotético retrocesso a um estatuto de subalternidade. Recordar-se aqui uma curiosa nota, símbolo do que é considerado «arquivisticamente correcto», de Margarida B. Cunha e Salustiano L. de Brito, que prova isto mesmo, e em que se diz, «ainda quando concorrente ao Curso de Ciências Documentais (1989) me foi recomendado vivamente dever responder negativamente, caso me fosse perguntado se o arquivista era também um investigador [...]» (1992, p. 86). Paradoxalmente, ou talvez não, assiste-se hoje a alguma procura de mestrados nas áreas da História ou afins por parte de arquivistas e bibliotecários... Se por um lado a afirmação da identidade profissional e uma ética difusa, mais ou menos aceite, exige uma rígida autonomia e separação de competências, por outro lado, e porque lidam com a mesma matéria-prima, a sedução dos materiais e dos conteúdos colocam os arquivistas, na sua maior parte oriundos de cursos de História, num estado de permanente tentação em relação à investigação histórica.

Tombo (IAN/TT), em que coexistem as carreiras de investigador, presume-se que das fontes e não apenas da arquivística ou da história dos arquivos, com a carreira de arquivista ou de técnico superior de arquivo (Portaria nº 122/93, p. 447).

Não é esta, contudo, a tradição dos países escandinavos que consagram um tipo de arquivista também ele membro da comunidade científica, concretamente da comunidade de historiadores, pois lá como cá, os arquivistas são recrutados maioritariamente de entre os licenciados em História (GELTING, 1990, p. 149)³. Todos os arquivistas diplomados dedicam de 2 a 7 horas por semana a trabalhos de investigação histórica de um tema à sua escolha, tema esse que será objecto de um relatório anual apresentado ao director do arquivo nacional, refere Michael Gelting, ele próprio doutorado em História, acerca do estatuto dos arquivistas nacionais na Dinamarca

³ Isto reduz o perfil do profissional de arquivo ao arquivista clássico, essencialmente de arquivo histórico, esquecendo os arquivos corrente e intermédio. Embora descreva uma situação que pode suscitar reflexão, o artigo é um pouco redutor e tradicionalista na visão que tem do arquivista, pois a nobreza da função é associada ao arquivo histórico e às funções de conservação e organização, sendo ignorada a função de gestor de documentos, sem dúvida da maior importância para os profissionais de hoje. Acerca da ideia generalizada que os arquivistas provenientes dos cursos de História se encontram melhor preparados para a função, dado que a sua formação de base inclui a História das Instituições, a Paleografia e a Diplomática, *vd.* SAMPSON, 1994, p. 3-5, e COBB, 1995, p. 139-144, que ajudam a traçar o estado actual desta questão na Grã-Bretanha. As tensões existentes entre estes dois perfis profissionais, o do arquivista clássico e o do gestor de documentos, continuam ainda hoje presentes em muitos artigos das publicações periódicas da área (*vd.* a propósito ATHERTON, 1994, p. 270). Entre nós, a profissão possui ainda um pendor essencialmente científico, em detrimento do técnico, quer na formação de base (uma qualquer licenciatura), e mesmo na formação complementar (cursos de ciências documentais). O que se deve a vários factores, desde logo à ausência de uma licenciatura específica em Arquivística, que, a surgir, poderia apresentar duas variantes, uma científica, com maior incidência nas áreas da História, e uma técnica, acentuando a componente relativa à gestão de documentos (a nomenclatura poderia ser outra, dada a carga valorativa das palavras científica e técnica, parecendo a primeira apresentar uma maior «nobreza». Outras opções são variante científica e variante gestão de documentos, ou simplesmente variante arquivos históricos, variante arquivos correntes e intermédios). Como se depreende, a primeira prepararia profissionais para desempenharem funções em arquivos definitivos e a segunda em arquivos correntes. Por outro lado, a oferta de mercado é essencialmente de lugares para arquivos históricos, sobretudo na administração pública, em que os arquivos correntes estão entregues a funcionários administrativos, com uma escassa ou nula preparação, e em que o processo de gestão de documentos, ou não existe, ou está cumulativamente entregue ao arquivista que o faz de um modo subsidiário em relação à sua actividade principal.

(ob. cit., p. 149). Saliente-se que este modelo é igualmente válido para o nível local.

Concomitantemente os arquivistas participam em diversas iniciativas de extensão e divulgação científica, como sejam conferências, seminários, encontros, integram conselhos editoriais de revistas científicas, sociedades e institutos de investigação histórica, etc.

Tal não constitui tradição em Portugal, nem na maior parte dos países europeus, nem talvez fosse desejável que isso acontecesse, contudo uma posição excessivamente fundamentalista a este respeito só contribuirá para o isolamento excessivo da classe⁴.

Pensamos que a relação entre a comunidade científica e os profissionais de arquivo⁵ se deverá estreitar, sobretudo em projectos comuns, em que universitários e arquivistas possam trabalhar em conjunto, dos quais até já existem precedentes⁶. Não estarão os arquivistas bem posicionados para ajudar a traçar, por exemplo, a

⁴ Embora não existam muitos trabalhos em que os profissionais portugueses se pronunciem sobre esta questão, Salustiano Lopes de Brito, por exemplo, não tem a este respeito uma posição excessivamente dogmática. Refere a propósito, «[...] convém não perder de vista que o arquivista, devendo actualizar-se nos seus conhecimentos de história geral e local, não deve, contudo, perder-se numa diversidade de estudos alheios aos fundos documentais a tratar no seu arquivo [...]» (Salustiano Lopes de BRITO, «Dos arquivos distritais e do valor histórico-sociológico do seu património», *Comunicações ao III Congresso sobre o Algarve*, realizado em 1984, no Rocal Clube de Silves, em Montechoro, cit. por CUNHA, 1992, p. 86). Margarida Bivar Cunha e o mesmo Salustiano Lopes de Brito referem ainda, «na verdade, não está propriamente em causa determinar quem faz investigação, ou se cabe ao técnico de arquivo fazê-la. Que este necessita munir-se de conhecimentos específicos sobre os arquivos que trata é um facto inquestionável. Quando esses conhecimentos são inexistentes ou insuficientes – dado o atraso generalizado da história institucional, geral ou local – não resta outro remédio ao técnico arquivista senão suprir ele mesmo essa falha. Nestas circunstâncias tem que ser arquivista e investigador [...]» (ob. cit., p. 80).

⁵ Acerca das relações entre arquivistas e historiadores vd. *Arquivo e Historiografia: colóquio sobre as fontes de história contemporânea portuguesa*. Coord. de Maria José da Silva LEAL e Miriam Halpern PEREIRA. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988 (Temas Portugueses), sobretudo o prefácio e a comunicação da Prof.^a Miriam Halpern Pereira, «Por uma articulação entre a política arquivística e a investigação histórica», p. 35-43.

⁶ Vd. por exemplo: INSTITUTO PORTUGUÊS DE ARQUIVOS, *Guia de fontes portuguesas para a história de África*. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses [etc.], 1991-1993. 2 vol.; e Joel SERRÃO, coord., *Roteiro de fontes da história portuguesa contemporânea*. Dir. Maria José da Silva Leal e Miriam Halpern Pereira. Lisboa : Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984-1985. 3 vol.

história das instituições portuguesas, públicas e privadas, campo em que existe um claro défice de estudos?

Lucien Febvre, analisando as relações entre os historiadores da História e os historiadores da Literatura, da Filosofia e das Ciências, defende que se mantenham abertas as portas de comunicação entre os profissionais dos diferentes saberes (1996, p. 50), numa perspectiva do conhecimento verdadeiramente interdisciplinar, e com grande interacção entre os diversos agentes. Relativamente, por exemplo, à relação entre os historiadores e os filósofos afirma: «na medida em que ele [refere-se a um projecto de publicação de fontes para a história da filosofia] lançará pontes entre grupos de trabalhadores que, acantonados cada um deles na sua margem, se desconhecem uns aos outros, na medida em que ele empenhará os historiadores da filosofia a serem, por pouco que seja, historiadores – e os historiadores, a preocuparem-se afinal em penetrarem para além do mundo das aparências – ele será fecundo e salutar» (ob. cit., p. 50).

Mas mais importante do que investigar os acervos, importa que os profissionais investiguem a arquivística nas suas diferentes temáticas, façam teoria e criem doutrina.

Acesso à literatura profissional

Em 1987, Malvina B. Bechor afirmava acerca da situação norte-americana que «um dos problemas mais sérios da profissão é a dificuldade dos técnicos acederem à literatura profissional» (1987, p. 243). No mesmo sentido se pronuncia também David Moltke-Hansen quando afirma, «na América, como noutros lados, a maior parte dos arquivistas ignora a literatura profissional na sua área» (1984, p. 293).

Se isto é verdadeiro relativamente à situação nos EUA, o panorama em Portugal é ainda mais dramático. Ao efectuarmos este trabalho sentimos este problema com maior acuidade. Em termos institucionais na cidade de Lisboa, por exemplo, as revistas *The American Archivist* e *La Gazette des Archives* apenas existem, de que tenhamos conhecimento, no Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo e no Arquivo Histórico do Banco de Portugal, mesmo assim com algumas falhas. A biblioteca da BAD possui também uma colecção muito incompleta de *La Gazette des Archives*. Não é difícil imaginar qual a situação noutras cidades e a nível local e, por consequência, o estado de desconhecimento dos profissionais por-

tugueses relativamente ao que se produz em termos internacionais na sua área de actividade⁷.

⁷ Discorrendo sobre a história da literatura arquivística nos EUA, Richard COX (1987) distingue três períodos, o período de gestação (1901-1936), o período de formação (1936-1972) e o período de maturação (1972-1986), iniciando-se depois (1987) a chamada *age of archival analysis*. A literatura do primeiro período caracterizava-se mais pela existência de estudos descritivos do que teóricos ou normativos, não estando ainda claramente definida a identidade profissional do arquivista. O segundo período é caracterizado, entre outras, pela emergência de uma comunidade arquivística, pela afirmação da revista *The American Archivist* como a «voz da profissão», e pelo cisma ocorrido entre arquivistas e gestores de documentos. No último período assiste-se ao fortalecimento do *The American Archivist* no que diz respeito aos objectivos e conteúdos, surgem novos periódicos dedicados aos arquivos, a SAA (Society of American Archivists) publica bimensalmente um jornal, publica-se uma colecção de estudos técnicos, assim como manuais e directórios, revistas não exclusivamente de arquivos, designadamente históricas etc., incluem com frequência artigos sobre temas de arquivística, cresce o número de arquivistas e o número de arquivistas a escreverem em publicações periódicas, os Arquivos Nacionais revitalizam o seu programa de publicações, etc. Sem conhecermos qualquer balanço acerca da fase da análise, iniciada em 1987, e sem pretendermos estabelecer uma comparação entre a história da literatura arquivística nos Estados Unidos e em Portugal, cujas vicissitudes históricas são diferentes, tópico que justificava um trabalho autónomo e um aprofundamento da questão que não é pertinente neste contexto, pensamos, apesar de tudo, poder tecer algumas considerações a este propósito. Constata-se que entre nós não estão cumpridas a maior parte das premissas da última fase, exceptuando o crescimento do número de arquivistas, talvez também do número dos arquivistas que escrevem sobre a sua especialidade, parcialmente a existência de uma colecção de estudos técnicos (vd. Colecção de «Estudos e Documentos Técnicos», do extinto IPA – Instituto Português de Arquivos, também ela extinta); quanto à segunda fase, se já existe um esboço de comunidade arquivística, não existe qualquer publicação exclusivamente dedicada aos arquivos, nem se registou qualquer cisma entre arquivistas e gestores de documentos. Entre nós, esta última figura existe apenas nos manuais, não tendo correspondência prática na maioria das instituições da administração pública portuguesa em que esta função, ou não é desempenhada, ou é feita cumulativa e subsidiariamente pelo arquivista, como já foi anteriormente referido (vd. nota 3). Nas instituições privadas, o técnico de organização e métodos supre parcialmente esta lacuna. Contrariamente, nas bibliotecas, cujo estágio de desenvolvimento é claramente superior ao dos arquivos, sob qualquer ângulo em que a questão seja analisada, técnico, normativo, formativo, informático, etc., já ocorreu uma certa «separação de águas», delimitação de áreas de actividade e competências, entre bibliotecários e documentalistas. Ultrapassado, sim, está claramente o primeiro período, em que os trabalhos eram mais descritivos que teóricos, muito embora 25% dos nossos trabalhos ainda possuam estas características, contra 15,3% nos EUA, existindo já nos arquivistas portugueses alguma consciência da sua identidade profissional e função social (vd. os 8,3% de trabalhos da classe «Teoria, evolução e exercício profissional», que ocupa a quarta posição em Portugal, contra 15,2% nos EUA, onde ocupa o primeiro lugar).

Embora, segundo Brenda White referia em 1980, existam em todo o mundo 99 revistas de arquivo (1981, p. 6), é de destacar, apesar de tudo, que o IAN/TT possui em livre acesso no seu serviço de referência alguns dos títulos mais importantes nesta área, de que destacamos, *The American Archivist*, *La Gazette des Archives*, *Journal of the Society of Archivists*, *Archivaria*, *Archivum*, *Janus*, *Rassegna degli Archivi di Stato*, *Acervo*, *Archivi & Computer*, *Archimag*, entre outras, assim como vários boletins de arquivos nacionais, a maior parte de características eruditas, sobretudo publicações de fontes e estudos históricos, assim como boletins de diversas organizações profissionais.

Victoria Iron Walch, que estudou o problema das necessidades de informação da comunidade arquivística norte-americana, propõe a criação de um centro de informação de referência da literatura profissional que recolha e difunda essa informação, avançando mesmo a existência de uma figura semelhante ao depósito legal para os materiais publicados sobre arquivística⁸.

Seria interessante a criação, no âmbito do Ministério da Cultura ou por parte do IAN/TT, organismo coordenador da política arquivística nacional, de um centro que promovesse a aquisição sistemática dos principais periódicos e monografias na área, o seu tratamento e a difusão dessa informação através de boletins bibliográficos em suporte papel ou magnético. Este centro poderia igualmente solicitar a permuta de instrumentos de descrição, periódicos e trabalhos técnicos portugueses com instituições estrangeiras, estabelecer protocolos de cooperação com organismos congêneres, enfim, constituir-se também como um ponto de confluência e disseminação dos

⁸ Victoria Iron WALCH, *Information resources for archivists and records administrators: a report and recommendations*. Albany, N. Y.: NAGARA, 1987, p. 34, cit. por BECHOR, 1987, p. 246. Registe-se a existência em Madrid de um centro com características análogas o CIDA – Centro de Información Documental de Archivos, criado no âmbito do Ministério da Cultura. Este centro tem como missão tornar acessível a informação documental e bibliográfica em arquivo, facilitando o acesso à documentação com fins de investigação e o acesso dos profissionais de arquivo à bibliografia profissional, facilitando o desempenho da profissão nos países de língua espanhola. Promove os seguintes serviços: difusão de um boletim de informação, pesquisas bibliográficas em arquivística, reprodução de artigos de revistas e orientação sobre a localização de fontes históricas. Quanto a esta última missão, Jorge Borges de MACEDO, referia, em 1993, a necessidade de se constituir, no Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, um centro de dados de coordenação e de informação dos arquivos portugueses (vd. *Portugal [...]*, 1993, vol. 2, p. 11).

trabalhos dos profissionais portugueses, no que seria um serviço de inestimável utilidade prestado à comunidade arquivística nacional.

Uma iniciativa deste tipo terá necessariamente de partir de um organismo estatal, sem fins lucrativos, cujo objectivo seja a mera prestação de um serviço, dado que a pequena dimensão da classe, a sua dispersão geográfica e institucional e o seu fraco poder aquisitivo, não são de molde a interessar editores comerciais ou *clearinghouses* que forneçam este tipo de informação, tal como sucede noutras áreas, como por exemplo as da informação económica ou jurídica.

Importante seria também a elaboração de uma bibliografia básica de referência em arquivo, em que constassem algumas dezenas de obras indispensáveis nas diferentes áreas e a que todos os arquivos, regionais, distritais, da administração central e local, e empresariais, pudessem recorrer para constituir a sua biblioteca de apoio. Pensamos que, no âmbito do IAN/TT, da BAD ou dos Cursos de Ciências Documentais, seria exequível a realização de um instrumento de trabalho deste tipo⁹.

Assim como seria da maior utilidade a elaboração de uma bibliografia anual dos trabalhos publicados em Portugal no âmbito da arquivística, a ser publicada nas revistas da área, tal como anualmente aparecem em *The American Archivist* os *Writings for archivists*, elaborados, desde 1942, pela equipa dos Arquivos Nacionais. A estes instrumentos gerais poder-se-ia seguir, numa segunda fase, a realização de bibliografias temáticas sobre cada uma das áreas da arquivística, que poderiam ser levadas a cabo, por exemplo, pelos diferentes grupos de trabalho especializados, constituídos no âmbito da BAD.

Não se encontrando disponível no circuito comercial grande parte da bibliografia referenciada nestes instrumentos de trabalho, deveriam os mesmos mencionar as instituições onde esta se encontra disponível e de que forma – aquisição, empréstimo, consulta local, possibilidade de reprodução em fotocópia ou microfilme.

Nas diferentes instituições, as obras deverão estar em livre acesso, convidando assim, sem quaisquer tipo de constrangimentos, à sua utilização e manuseamento, sendo a sua reprodução amplamente facilitada, apenas com as restrições que decorrem dos direitos de autor. Cada página disponibilizada irá certamente permitir

⁹ Com intuítos sistemáticos e não selectivos, uma bibliografia básica como se propõe, a UNESCO, através do programa RAMP (Records and Archives Management Program) já publicou alguns trabalhos (vd. EVANS, 1983; WHITE, 1981).

que um arquivista possa cumprir de uma forma mais consciente e profissional as suas funções.

Um amplo acesso à bibliografia profissional é tanto mais importante quanto a função do arquivista é, em grande parte das instituições, caracterizada por um trabalho solitário e de algum isolamento profissional, frequentemente sem uma equipa de trabalho e com escassas possibilidades de diálogo técnico. David Bearman referia, em 1982, relativamente à situação norte-americana, que em metade dos locais, os profissionais de arquivo apenas possuíam mais uma pessoa com idênticos interesses¹⁰.

Quanto à situação portuguesa, 56,5% dos quadros dos organismos da administração pública central prevêem lugares de arquivista a nível superior, 48,4% contam com um único lugar na área de arquivo, 93,2% dos quais são de técnico adjunto, refere João Vieira (1994, p. 131), e conclui dizendo, «trata-se de uma área sobretudo corporizada por técnicos adjuntos trabalhando, em grande parte dos casos, isoladamente e sem a orientação de técnicos superiores» (ob. cit., p. 131)¹¹.

A serem concretizadas, estas propostas permitiriam minorar o desconhecimento e o isolamento profissional da classe, contribuindo para aumentar a literacia técnica dos seus membros.

Investigação em arquivo: o estado presente

O objectivo inicial deste trabalho era traçar o estado presente da investigação em arquivo e as suas tendências, para o que delineámos uma estratégia de pesquisa quantitativa que passava essencialmente pela análise e classificação dos artigos de algumas publicações periódicas, pois estes veiculam a informação com maior actualidade acerca dos temas mais tratados pelos respectivos profissionais.

Para conhecer a realidade internacional, seleccionámos duas publicações, inquestionavelmente dois dos títulos de maior impacto na comunidade arquivística mundial, *The American Archivist* e *La Gazette des Archives*, procurando através da análise de

¹⁰ David BEARMAN, «1982 survey of the archival profession», *The American Archivist*, 1983, cit. por David MOLTKE-HANSEN, «Reflections on the problems of access to archival literature», *The American Archivist*, 47 (3) 1984, p. 294.

¹¹ A comunicação faz também um paralelo com a área funcional de biblioteca que é interessante observar.

Quadro 1

Conteúdos temáticos das áreas de investigação em Arquivo

Áreas temáticas	Conteúdos
Avaliação, selecção e aquisição	Incluíram-se também nesta classe estudos sobre gestão de documentos, incorporações, doações e depósito.
Organização e descrição	
Preservação, conservação e restauro	Incluíram-se também nesta classe estudos sobre transferências e segurança de arquivos.
Acessibilidade	
Comunicação e difusão	Incluíram-se nesta classe estudos sobre referência em arquivo, pesquisa em arquivo, instrumentos de descrição, necessidades dos utilizadores, exposições e animação de arquivos.
Automatização	Incluíram-se também nesta classe estudos sobre as novas tecnologias aplicadas aos arquivos, tais como o disco óptico e os documentos electrónicos.
Legislação e regulamentação	Incluíram-se também nesta classe estudos sobre os seguintes temas: questões legais relacionadas com a propriedade dos arquivos, suscitadas pelo roubo de documentação, enquadramento jurídico da profissão, e regulamentos de arquivos.
Construção e equipamento	
Gestão e planeamento	Incluíram-se nesta classe todos os trabalhos sobre a administração de arquivos no âmbito da gestão interna (funções meio).
Cooperação	
Normalização	
Arquivos públicos	Incluíram-se nesta classe estudos de natureza histórica ou descritiva, raramente de reflexão, sobre um arquivo ou um conjunto de arquivos (instituições ou fundos). Ou estudos globais incidindo sobre as diversas funções de um ou de vários arquivos e que não sejam susceptíveis de serem classificados em até duas categorias.
Arquivos privados	Incluíram-se nesta classe estudos de natureza histórica ou descritiva, raramente de reflexão, sobre um arquivo ou um conjunto de arquivos (instituições ou fundos). Ou estudos globais incidindo sobre as diversas funções de um ou vários arquivos e que não sejam susceptíveis de serem classificados em até duas categorias.
Teoria, evolução e exercício profissional	Incluíram-se nesta classe estudos de carácter especulativo e de reflexão sobre o desenvolvimento da profissão e sobre os seus profissionais, como sejam, o papel dos arquivos na sociedade, perspectivas presentes e futuras da profissão, identidade, estatuto e imagem pública dos arquivistas, importância das publicações profissionais, importância da arquivística como disciplina, teoria arquivística, história da arquivística e dos arquivos.
Ética e deontologia	
Formação	
Organizações profissionais	
Utilizadores	Incluíram-se nesta classe trabalhos sobre as perspectivas dos utilizadores sobre os arquivos (instituições e fundos) e os seus profissionais, estudos de utilizadores e definição de públicos.
Bibliografias	

Quadro 2
Tendências da investigação em Arquivo
em Portugal, França e E.U.A.
(resultados parciais)

Áreas temáticas	Número de ocorrências	Valor percentual	Número de ocorrências	Valor percentual	Número de ocorrências	Valor percentual
Avaliação, seleção e aquisição	6	5,5%	13	5,2%	20	8,2%
Organização e descrição	8	7,4%	27	10,9%	21	8,6%
Preservação, conservação e restauro	18	16,6%	17	6,9%	23	9,5%
Acessibilidade	4	3,7%	3	1,2%	6	2,4%
Comunicação e difusão	10	9,2%	26	10,5%	7	2,8%
Automatização	9	8,3%	16	6,5%	27	11,1%
Legislação e regulamentação	2	1,8%	3	1,2%	5	2%
Construção e equipamento	1	0,9%	1	0,4%	1	0,4%
Gestão e planeamento	2	1,8%	5	2%	4	1,6%
Cooperação	6	5,5%	-	-	6	2,4%
Normalização	3	2,7%	2	0,8%	2	0,8
Arquivos públicos	15	13,8%	42	17%	29	11,9%
Arquivos privados	10	9,2%	54	21,9%	8	3,3%
Teoria, evolução e exercício profissional	9	8,3%	10	4%	37	15,2%
Ética e deontologia	1	0,9%	8	3,2%	-	-
Formação	2	1,8%	2	0,8%	28	11,5%
Organizações profissionais	1	0,9%	8	3,2%	3	1,2%
Utilizadores	1	0,9%	3	1,2%	7	2,8%
Bibliografias	-	-	6	2,4%	8	3,3%
TOTAL	108	99,2%	246	99,3%	242	99%
Fontes	<i>Cadernos BAD, Actas de Congressos e Encontros (1990-1995) a)</i>		<i>La Gazette des Archives (1990-1995) b)</i>		<i>The American Archivist (1990-1995) c)</i>	

a) Excluíram-se as comunicações e os artigos de arquivistas estrangeiros constantes nas publicações indexadas, uma vez que o pretendido era conhecer as tendências dos técnicos portugueses.

b) Excepto os n.º 160, 161 e 162, relativos ao 1.º, 2.º e 3.º trimestres de 1993.

c) Excepto: vol. 54, n.º 4 (Fall 1991); vol. 57, n.º 4 (Fall 1994) e todo o ano de 1995 (quatro números).

Quadro 3
Tendências da investigação em Arquivo
em Portugal, França e E.U.A.
(resultados totais)

Áreas temáticas	Número de ocorrências	Valor percentual
Avaliação, selecção e aquisição	39	6,5%
Organização e descrição	56	9,3%
Preservação, conservação e restauro	58	9,7%
Acessibilidade	13	2,1%
Comunicação e difusão	43	7,2%
Automatização	52	8,7%
Legislação e regulamentação	10	1,6%
Construção e equipamento	3	0,5%
Gestão e planeamento	11	1,8%
Cooperação	12	2%
Normalização	7	1,1%
Arquivos públicos	86	14,4%
Arquivos privados	72	12%
Teoria, evolução e exercício profissional	56	9,3%
Ética e deontologia	9	1,5%
Formação	32	5,3%
Organizações profissionais	12	2%
Utilizadores	11	1,8%
Bibliografias	14	2,3%
TOTAL	596	99,1%

Fontes: *Cadernos BAD*
Actas de Congressos e Encontros
La Gazette des Archives
The American Archivist (1990-1995)

Quadro 4

Tendências globais da investigação em Arquivo – I

Áreas temáticas	Número de ocorrências	Valor percentual
Avaliação, selecção e aquisição	16	21,6%
Organização e descrição	7	9,4%
Preservação, conservação e restauro	20	2,7%
Acessibilidade	2	2,7%
Comunicação e difusão	2	2,7%
Automatização	6	8,1%
Legislação e regulamentação	2	2,7%
Construção e equipamento	-	-
Gestão e planeamento	4	5,4%
Cooperação	-	-
Normalização	1	1,3%
Arquivos públicos	-	-
Arquivos privados	-	-
Teoria, evolução e exercício profissional	3	4%
Ética e deontologia	-	-
Formação	7	9,4%
Organizações profissionais	1	1,3%
Utilizadores	1	1,3%
Bibliografias	2	2,7%
TOTAL	74	99,6%
Fonte	Documentos RAMP (1981-1992) a)	

a) Foram indexados 68 documentos RAMP (Records and Archives Management Program) produzidos pela UNESCO no quadro do PGI (General Information Program), publicados entre 1981 e 1992.

Quadro 5

Tendências globais da investigação em Arquivo – II

Áreas temáticas	Pesquisa por descriptor N: de ocorrências	Pesquisa por descriptor Valor percentual
Valoración	74	1,7%
Selección	168	3,9%
Adquisición	47	1,0%
Descripción	208	4,8%
Organización/Plan de organización de fondos	94	2,1%
Preservación	125	2,9%
Acessibilidad/Acceso	366	8,4%
Difusión/Referencia	158	3,6%
Automatización/Informatización	668	15,5%
Legislación	550	12,7%
Gestión/Planeamiento	148	3,4%
Cooperación	311	7,2%
Normalización	254	5,8%
Archivos públicos	167	3,8%
Archivos privados	208	4,8%
Status profesional	85	1,9%
Ética y deontología	17	0,3%
Formación	214	4,9%
Organizaciones profesionales	143	3,3%
Usuarios	172	3,9%
Bibliografías	130	3,0%
TOTAL	4307	98,9%
Fonte	Base de dados BARC (CIDA) ^{a)}	

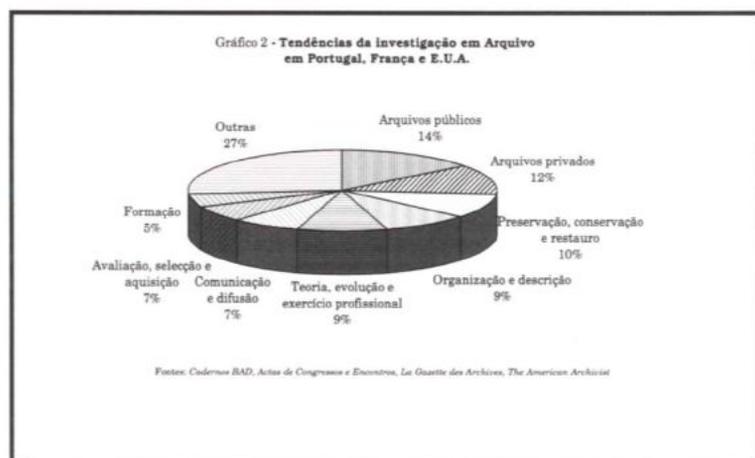
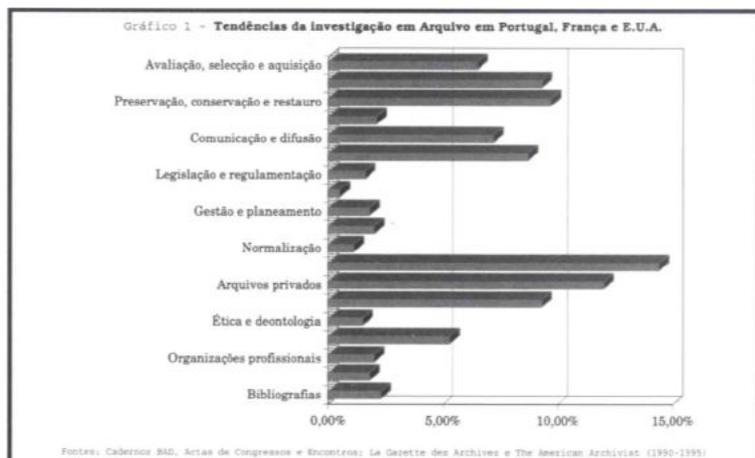
^{a)} Pesquisa bibliográfica realizada na base de dados BARC - CIDA (Centro de Información Documental de Archivos), em Setembro de 1996.

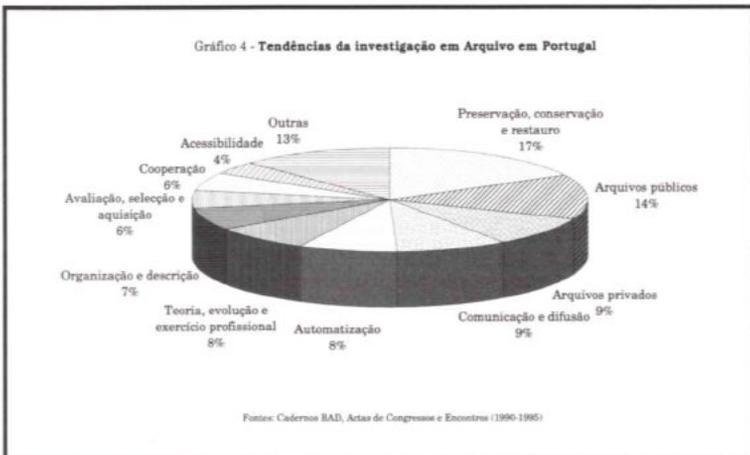
Quadro 6

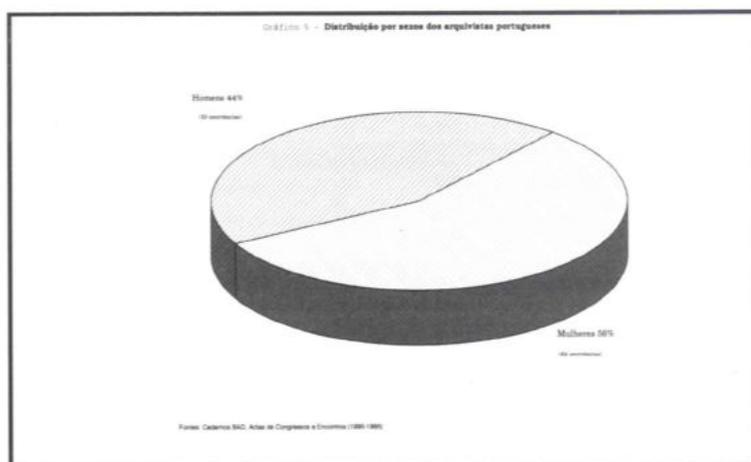
Tendências globais da investigação em Arquivo – III

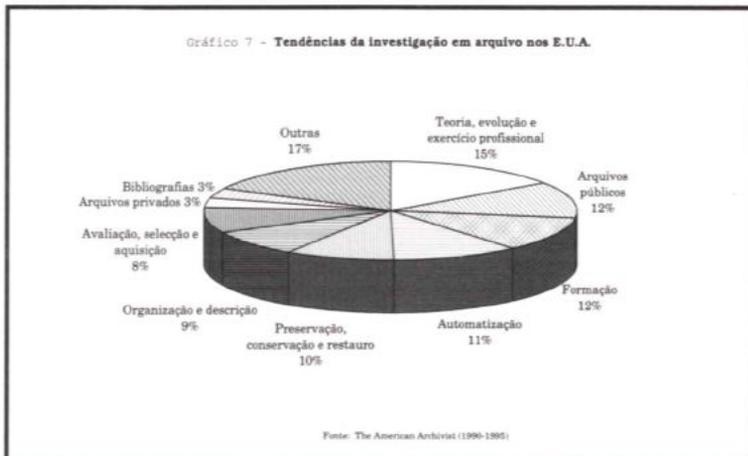
Áreas temáticas	Pesquisa por descriptor Número de ocorrências	Pesquisa por descriptor Valor percentual	Pesquisa em texto livre Número de ocorrências	Pesquisa em texto livre Valor percentual
Appraisal	133	0,2%	680	0,4%
Acquisition	34	0,07%	3 772	2,6%
Selection	2 247	4,6%	6 050	4,1%
Description	510	1,0%	3 463	2,4%
Arrangement	204	0,4%	1 123	0,7%
Préservation	2 382	4,9%	3 414	2,3%
Conservation	1 689	3,5%	2 702	1,8%
Restoration	119	0,2%	542	0,3%
Access	736	1,5%	12 513	8,6%
Accessibility	3	0,006%	602	0,4%
Communication	2 281	4,7%	7 106	4,9%
Data processing	2 710	5,6%	3 935	2,7%
Legislation	85	0,1%	1 719	1,1%
Cooperation	6 839	14,2%	12 136	8,4%
Normalization	2	0,004%	13	0,009%
Public archives	-	-	87	0,06%
Private archives	19	0,03%	53	0,03%
Construction	433	0,9%	2 244	1,5%
Equipment	732	1,5%	3 675	2,5%
Management	12 802	26,6%	23 018	15,9%
Administration	440	0,9%	4 684	3,2%
Planning	2 634	5,4%	8 097	5,6%
Theory	323	0,6%	3 507	2,4%
Profession	2 118	4,4%	4 131	2,8%
Deontology	-	-	3	0,002%
Ethics	332	0,6%	533	0,3%
Training	3 411	7,0%	11 112	7,7%
Associations	1 434	2,9%	2 977	2,0%
Users	1 359	2,8%	16 519	11,4%
Bibliographies	2 073	4,3%	3 651	2,5%
TOTAIS	45 084	98,9%	144 061	98,6%
Fonte	Base de dados LISA ^{a)}			

^{a)} Pesquisa bibliográfica realizada no CD-ROM LISA (Winter 1995). Bowker-Saur, 1995.









dois títulos representativos obter uma aproximação à caracterização das realidades americana e europeia, embora, e sobretudo para o caso europeu, não seja lícito extrapolar de uma revista de um país para um conjunto muito diversificado de países e de realidades arquivísticas.

A caracterização da realidade portuguesa foi obtida através dos *Cadernos BAD* única publicação portuguesa publicada com regularidade na área da documentação, dada a inexistência de um título exclusivamente de arquivo e das actas de congressos e encontros, realizados na década de 90, o que inclui, designadamente, os congressos de Lisboa (1990), Braga (1992) e de novo Lisboa (1994), bem como o encontro de arquivos municipais, realizado em Guimarães e Viana do Castelo (1993)¹².

Os números constantes dos quadros juntos resultam, pois, da indexação dos trabalhos presentes nestas publicações entre 1990 e 1995. Para isso elaborámos um quadro de classificação, adaptado do esquema proposto por David Klaassen, Kevin Corbitt e Karen Strauss, da Universidade de Minnesota (*Writings [...]*, 1993, p. 84-120)¹³.

Foram indexados, segundo o esquema de classificação estabelecido, cujos critérios de agrupamento em certas categorias vão expressos em quadro anexo, todos os artigos ou similares publicados naqueles periódicos, excluindo-se as recensões críticas, dedicatórias e elogios fúnebres (vulgares, por exemplo, em *The American Archivist*), relatórios de associações profissionais (anualmente publicados em *La Gazette des Archives*), ou de grupos de trabalho, e noticiário breve. Os editoriais foram incluídos quando sobre um tema de fundo e excluídos quando meras apresentações dos vários artigos constantes da revista. Obviamente que, em relação aos *Cadernos BAD*, apenas foram indexados os artigos relativos a arqui-

¹² CONGRESSO NACIONAL de BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS e DOCUMENTALISTAS, 3, Lisboa, 1990. [Actas]. Lisboa: BAD, 1990.

CONGRESSO NACIONAL de BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS e DOCUMENTALISTAS, 4, Braga, 1992. *Informação, ciência e cultura: bibliotecas e arquivos para o ano 2000: actas*. Braga: BAD, 1992. 2 vol.

CONGRESSO NACIONAL de BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS e DOCUMENTALISTAS, 5, Lisboa, 1994. *Multiculturalismo: arquivos*. Lisboa: BAD, 1994, vol. 2.

ENCONTRO NACIONAL de ARQUIVOS MUNICIPAIS, 3, Guimarães e Viana do Castelo, 1993. *Actas*. Lisboa: BAD, 1994.

¹³ Este esquema, por sua vez, é baseado no plano de classificação, utilizado por Richard J. COX no seu *Archives and manuscripts administration: a basic annotated bibliography*. [S. l.]: American Association for State and Local History, 1989.

vos ou quando o tema era comum a bibliotecas e arquivos, e era intenção do autor cobrir estas duas áreas, casos, por exemplo, de alguns trabalhos sobre preservação e conservação.

Cada artigo inclui-se no máximo em duas categorias do quadro de classificação. Os quadros juntos apresentam, assim, o número de ocorrências relativo a cada categoria, bem como o seu valor percentual.

A abordagem metodológica é assim exclusivamente quantitativa, embora reconheçamos que idealmente se deveria utilizar uma metodologia mista, com elementos de ordem quantitativa, mas também qualitativa¹⁴, porém, tal revela-se exequível apenas a uma equipa de trabalho.

Procurámos, tanto quanto possível, reunir dados colhidos em várias fontes, por forma a obter leituras resultantes do seu cruzamento. Neste sentido, pesquisámos cada um dos temas do quadro de classificação nas bases de dados BARC e LISA¹⁵, apresentando os números recolhidos, embora tenha que ser encarada com naturais reservas a análise comparativa entre dados resultantes de diferentes critérios de indexação.

Apesar deste amplo trabalho de recolha e tratamento, optámos conscientemente por não efectuar grandes inferências do conjunto de dados, devido a alguma ausência de base para generalização e a algum enviesamento dos mesmos, devido sobretudo aos números temáticos¹⁶ que, embora sejam eles próprios o resultado de um anseio de pronunciamento sobre um determinado tema por parte da comunidade arquivística, geram distorções que só poderiam ser corrigidas através da análise de séries temporais mais longas, de um maior número de periódicos analisados, e do recurso a outras técnicas de abordagem, quantitativas, por exemplo, inquérito por ques-

¹⁴ Tom Wilson enuncia claramente as fragilidades do modelo de pesquisa quantitativa na área das ciências de informação, designadamente no que diz respeito aos estudos de utilizador, defendendo um programa de pesquisa qualitativa (vd. WILSON, 1994, p. 25).

¹⁵ BARC é a base de dados do CIDA – Centro de Información Documental de Archivos, em Madrid. LISA é uma base de dados bibliográficos nas áreas da biblioteconomia, arquivística e ciências da informação, editada comercialmente em CD-ROM pela Bowker Saur. Encontra-se disponível para consulta na Área de Referência da Biblioteca Nacional.

¹⁶ É o caso, por exemplo, da percentagem de 16,6% conseguida pela classe «Preservação, conservação e restauro», em Portugal, que deriva, em grande medida, da existência de um número temático dedicado ao assunto (vd. *Cadernos BAD* (2) 1991).

tionário aos docentes dos cursos de ciências documentais, e qualitativas, entrevistas de investigação a profissionais seleccionados numa base geográfica, por exemplo, os directores de arquivos distritais e/ou municipais.

Os quadros e os valores apresentados têm, por isso, características de estudo exploratório acerca da investigação em arquivo, servindo os seus resultados exclusivamente como tópicos para reflexão e não como um trabalho final que permita conhecer com precisão esta realidade.

Relativamente à situação portuguesa, destacam-se os 16,6% de trabalhos sobre «Preservação, conservação e restauro», embora este valor resulte do que foi anteriormente referido¹⁷ e ainda do facto desta ser uma área comum a bibliotecas e arquivos. Esta classe apresenta números bastante inferiores em França, 6,9%, e mesmo nos EUA, 9,5%.

Salientam-se ainda os 15,8% e 9,2% relativos respectivamente às classes «Arquivos públicos» e «Arquivos privados», num total de 25%, o que significa que um em cada quatro trabalhos publicados em Portugal têm características genéricas e descritivas, número que, contudo, é amplamente superado em França, 38%, descendo para 15,3% nos EUA.

Um número a reter é ainda o da classe «Automatização», 8,3%, a quarta em Portugal e nos EUA, sexta em França, o que pressupõe, também entre nós, a crescente preocupação com as novas tecnologias.

No que diz respeito à distribuição por sexos em Portugal, verifica-se que a profissão é maioritariamente feminina, 56,1%, contra 43,8% de homens, corporizando também aqui a tendência demográfica actual, e a predominância percentual das mulheres verificada em inúmeros sectores da sociedade. Registe-se, a propósito, a discrepância relativamente à situação norte-americana, em que os homens constituem 71,4% dos profissionais de arquivo, e as mulheres apenas 28,6% (STEPHENSON, 1992, p. 538 e 551)¹⁸.

Quanto aos números norte-americanos, é de realçar os 15,2% da classe maioritária, «Teoria, evolução e exercício profissional», que

¹⁷ Vd. nota anterior.

¹⁸ Números globais obtidos através da análise dos artigos publicados em *The American Archivist* entre 1971 e 1990. Quando analisados anualmente os dados permitem outra leitura, a relação homens/mulheres tem vindo progressivamente a diminuir. Assim, temos, em 1971-72, 91,7% de homens e 8,3% de mulheres, *ratio* que em 1981-82 se situa em 58,8% - 41,2%, registando-se em 1989-90, 60% - 40,4%.

integra estudos especulativos e de reflexão sobre a arquivística, os arquivistas ou os arquivos¹⁹, área que em Portugal aparece na quarta posição (*ex aequo*), e em França, na oitava, o que indicia, entre nós, alguma reflexão dos arquivistas acerca da sua identidade profissional e função social.

Outra ilação importante relativamente à situação norte-americana é a grande preocupação com a «Formação», terceira classe com maior número de trabalhos, 11,5%, que surge em França, 0,8%, e em Portugal, 1,8%, como uma classe quase residual.

Quanto aos documentos RAMP parece-nos ser importante salientar os 27% da classe «Preservação, conservação e restauro», o que se entende dado que aqueles documentos se destinam essencialmente aos países em vias de desenvolvimento, em que a conservação constitui a primeira prioridade, a que se seguem as classes, «Avaliação, selecção e aquisição», 21,6%, e «Organização e descrição», 9,4%, fechando-se assim a tríade funcional «recolher, tratar e conservar».

Relativamente às bases de dados LISA e BARC, como já foi referido, os valores têm de ser analisados de per si não podendo ser comparados com os restantes, dado que foram diferentes os critérios de indexação. Contudo, na base de dados do CIDA, chama-se a atenção para a classe com maior número de trabalhos, «Automatização», 15,5%, o que mostra o cada vez maior impacte das novas tecnologias nos arquivos.

A necessidade de acentuar a vertente da automatização nos *curricula* dos novos arquivistas é empiricamente reconhecida por todos e já estatisticamente comprovada, como o demonstra o estudo levado a cabo por Alan D. Gabehart, em que quando questionados sobre a importância da informática no desempenho da profissão, 52,3% dos potenciais empregadores, consideram-na muito importante, 22%, importante, 13,7%, com alguma importância, 2,4%, pouco importante, 4,4%, não importante e 5,1%, manifestam-se sem opinião (1992, p. 420).

Investigação em arquivo: desafios para o futuro

Acerca do estado da pesquisa David B. Gracy faz um balanço do mesmo em 1992, apontando cinco pontos de reflexão. Primeiro, a pesquisa não se reduz à mera descrição de casos mas envolve a

¹⁹ Vd. quadro 1.

elaboração de um projecto, seguindo uma metodologia determinada e recorrendo à análise comparativa, à análise estatística e à contextualização das situações²⁰; segundo, a necessidade de canalizar energias para o estudo da natureza dos documentos, do seu circuito documental e da sua utilização; terceiro, a necessidade de relacionamento dos arquivistas com outros profissionais de informação, designadamente nas áreas relacionadas com as novas tecnologias²¹; quarto, a necessidade de desenvolver projectos de cooperação internacional; e quinto, a necessidade da investigação ser levada a cabo por equipas integradas em programas institucionais e não por indivíduos isoladamente (1992, p. 524-525).

Richard J. Cox, sem dúvida um dos profissionais que mais tem estudado esta questão, identifica sete desafios que se colocam aos arquivistas de hoje:

- 1.º – A necessidade de produzir continuamente teoria arquivística;
- 2.º – A existência de mais oportunidades de investigação;
- 3.º – A necessidade de um empenhamento dos organismos responsáveis pela política arquivística no apoio e disseminação da literatura profissional;
- 4.º – O ultrapassar das hesitações e dúvidas dos arquivistas em relação à sua própria identidade;
- 5.º – As limitações da formação arquivística;
- 6.º – A necessidade de uma maior divulgação dos trabalhos produzidos pelos arquivistas, sobretudo no contexto escolar;
- 7.º – A necessidade dos arquivistas escreverem para audiências mais alargadas²².

Carol Couture, por seu lado, aponta a necessidade de se estabelecer um plano estratégico de desenvolvimento da pesquisa, e tomando por base o texto de Louise Gagnon-Arguin, produzido no quadro do simpósio do GIRA (Groupe Interdisciplinaire de Recherche en Archivistique), ocorrido em Montréal, em 1990, apresenta uma lista de temas possíveis:

- Objectivo e objecto da arquivística;
- Papel social e lugar da arquivística na sociedade;

²⁰ Idêntico posicionamento tem César GUTIÉRREZ MUÑOZ (1994).

²¹ Posição semelhante à defendida por Richard COX em «Researching archival reference as an information function: observation on needs and opportunities», *RQ*, 31 (Spring 1992), p. 387-397, cit. por STEPHENSON, 1993, p. 191.

²² Richard J. COX, «American archival analysis: the recent development of the archival profession in the United States», *Metuchen, NJ* (1990), p. 176, citado por STEPHENSON, 1993, p. 195.

- Desenvolvimento da própria disciplina;
 - Princípios e métodos;
 - Vocabulário e terminologia;
 - Ciclo de vida dos documentos;
 - Aplicação do princípio da proveniência;
 - Normalização;
 - As tipologias documentais;
 - A pedagogia arquivística;
 - As ligações entre a teoria e a prática;
- O conhecimento do meio no qual os arquivos evoluem;
- A formação;
- Os estudos do utilizador;
- A avaliação dos serviços;
- A história dos arquivos; e
- A história da arquivística (COUTURE [et al.], 1994, p. 270).

César Gutiérrez Muñoz distingue três tipos de pesquisa, a académica, levada a cabo por universidades, a profissional, efectuada por consultores/especialistas a pedido de um organismo ou por iniciativa própria, e a institucional, realizada pelas instituições através dos seus técnicos (1994, p. 532).

Quanto à situação em Portugal, no que diz respeito à pesquisa académica²³, é fundamental que os cursos de Ciências Documentais criem lugares para professores de carreira, com condições para investigarem e apoiarem a investigação, que deste modo surjam os primeiros mestres e doutores em arquivística, que se reformem e actualizem os *curricula*, que as saídas de professores sejam compensadas com novas entradas, deixando os cursos de funcionar em circuito fechado, que se promovam convites a docentes estrangeiros de reconhecido valor, que os novos cursos que eventualmente surjam não sejam um mero decalque dos que já existem mas consubstanciem verdadeiras alternativas, que se estabeleçam protocolos de intercâmbio e investigação com universidades estrangeiras, como até já aconteceu no passado, que se aproveitem as oportunidades de formação e investigação resultantes da igualdade de direitos entre

²³ Vd. a este respeito o artigo de Maria João Pires de LIMA (1992, p. 21-27), em que a autora refere: «A inexistência de institutos, universidades, centros, etc. onde o desenvolvimento da pesquisa arquivística se efectue, não abona em favor do sistema de ensino nacional e põe em causa a renovação dos conhecimentos dos docentes, indispensável à sua actualização» (ob. cit., p. 23).

os cidadãos dos países da União Europeia²⁴, que se invista na criação de bibliotecas de referência na área, que os cursos de ciências documentais incluam nos seus *curricula* cadeiras de metodologia da investigação²⁵ e se constituam eles próprios como pólos, centros avançados dessa mesma investigação, que no seu seio surja a necessária «massa crítica» e uma verdadeira «opinião profissional», indispensável ao avanço de qualquer profissão ou ramo do conhecimento...

Quanto à pesquisa profissional e institucional, importa que sejam dadas mais oportunidades de investigação, através de bolsas e licenças sabáticas, que se traduzam manuais e obras estrangeiras, que se faça a história dos arquivos em Portugal, que se publiquem mais artigos em publicações periódicas, que surja a primeira revista portuguesa exclusivamente dedicada aos arquivos, que se criem prémios anuais, por exemplo, para o melhor instrumento de descrição e para o melhor trabalho teórico...

Nesta linha é necessário também que os profissionais de arquivo possuam uma postura mais interventiva em relação a factos e acontecimentos sobre os quais se deveriam pronunciar, sendo importante aparecerem rostos públicos reconhecidos como vozes da profissão. Veja-se o recente caso relativo aos documentos pessoais

²⁴ No âmbito do Programa de Informação para o Cidadão Europeu, a Comissão Europeia e o Parlamento Europeu lançaram nos finais de 1996 uma acção de informação denominada «Prioridade aos cidadãos». Neste sentido foi editado o guia *Estudar: seguir uma formação ou fazer investigação noutro país da União Europeia*, destinado a «[...] dar-lhe a conhecer os seus direitos enquanto nacional de um Estado-membro da União Europeia que estuda (segue uma formação ou faz investigação) ou pretende estudar noutro Estado-membro da União», assim como «dar-lhe a conhecer iniciativas e programas comunitários que lhe permitem, enquanto jovem, integrado num grupo informal ou numa associação, desenvolver projectos alternativos, nas mais diversas áreas e em contexto não profissionalizante e extracurricular» (COMUNIDADE [...], 1996, p. 2). São referenciados no referido guia, que existe impresso e disponível na Internet (endereço: <http://citizens.eu.int>), os programas: Leonardo Da Vinci, Sócrates, Juventude para a Europa e Formação e mobilidade dos investigadores, cada um deles com características específicas. Informações e esclarecimentos podem ser pedidos através do número de telefone gratuito 0505-329 254.

²⁵ A Universidade de British Columbia (Vancouver, Canadá), através da School of Library, Archival and Information Studies, oferece periodicamente no seu calendário de formação o curso «Research Methods for Libraries and Archives», cujos objectivos são introduzir os estudantes na teoria e prática dos métodos de investigação social utilizados em arquivos, bibliotecas e organizações afins (*vd.* STEPHENSON, 1993, p. 194, e o resumo do programa do curso, *ob. cit.*, p. 197).

constantes dos processos do arquivo da PIDE/DGS, em que a polémica em torno das duas opiniões, entregar ou não, foi corporizada sobretudo por professores universitários que habitualmente escrevem em jornais, sem que qualquer arquivista surgisse a dar opinião alicerçada em razões técnicas. Bom seria também que existissem arquivistas a escrever em órgãos de comunicação social de expansão nacional, relativamente às matérias para as quais têm competência, tal como acontece em outras áreas de actividade²⁶.

Terminamos com as palavras de Richard Cox, que constituem sem dúvida um desafio lançado a todos nós, «nem todos os arquivistas têm necessidade ou querem escrever, mas mais deveriam fazê-lo. Nem todos os trabalhos de arquivo devem ser descritos e publicados, mas mais deveriam sê-lo. Nem todos os arquivistas têm necessidade de debater as grandes questões teóricas da arquivística, mas mais deveriam fazê-lo» (1987, p. 317)²⁷. «Uma boa teoria é essencial para uma melhor prática» (1994, p. 287).

²⁶ Richard J. Cox refere como um dos grandes desafios a vencer pelos arquivistas, a sua capacidade de escrever para audiências mais alargadas do que a dos seus próprios pares (*vd.* nota 17).

²⁷ Mary Sue STEPHENSON (1991, p. 146), citando o estudo de Charles R. McCLURE e Ann BISHOP, «The status of research in library information science: guarded optimism», *College and Research Libraries*, 50 (2) March 1989, p. 137, refere, acerca da situação norte-americana, que de uma população de 153 000 técnicos, com 700 elementos dedicados à formação, apenas cerca de 300 fazem investigação de um modo continuado. O artigo refere a acentuada divisão existente entre arquivistas académicos e arquivistas trabalhando no terreno, defendendo a autora uma maior intercomunicação entre estas duas culturas profissionais. A utilização preferencial dos métodos dedutivo pelos primeiros e indutivo pelos segundos é igualmente uma das questões abordadas, afirmando-se a autora favorável à utilização combinada dos dois. Esta tensão existente entre estes dois grupos consubstancia um estágio avançado na evolução da profissão que em Portugal ainda não se verifica, razão porque nos parece prematuro o desenvolver este tópico. Acerca deste tema *vd.* tb. SCHAEFFER, 1994.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ivone [et al.]
 1993 *Dicionário de terminologia arquivística*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- ATHERTON, Jay
 1994 «The contribution of Archivaria to the development of the canadian archival profession», *The American Archivist*, 57 (2), p. 270-277.
- BECHOR, Malvina B.
 1987 «Bibliographic access to archival literature», *The American Archivist*, 50 (2), p. 243-247.
- COBB, H. S.
 1995 «Archivists and History», *Journal of the Society of Archivists*, 16 (2), p. 139-144.
- COMUNIDADE EUROPEIA. Comissão Europeia
 1996 *Estudar: seguir uma formação ou fazer investigação noutra país da União Europeia*. Lisboa : Gabinete da Comissão Europeia.
- COUTURE, Carol [et al.]
 1994 *Les fondements de la discipline archivistique*. Quebec : PUQ.
- COUTURE, Carol; LAJEUNESSE, Marcel
 1994 «L' UNESCO et le développement de l'archivistique: utilisation, diffusion et évaluation des études RAMP», *La Gazette des Archives*, (165), p. 224-252.
- COX, Richard J.
 1983a «American archival history: its development needs, and opportunities», *The American Archivist*, 46 (1), p. 31-41.
 1983b «Bibliography and reference for the archivist», *The American Archivist*, 46 (2), p. 185-187.
 1987 «American archival literature: expanding horizons and continuing needs, 1901-1987», *The American Archivist*, 50 (3), p. 306-323.
 1994 «An analysis of archival research, 1970-92, and the role and function of the American Archivist», *The American Archivist*, 57 (2), p. 278-298.
- CUNHA, Margarida Bivar P. L.; BRITO, Salustiano Lopes de
 1992 «Os arquivos distritais, a arquivística e a cultura das regiões», *Cadernos BAD* (2), p. 79-86.
- DECRETO-LEI n.º 60/97 de 20 de Março, *Diário da República*, 1.ª série-A, (67), p. 1276-1283.
- DUBY, Georges
 1992 *A História continua*. Porto : Asa. (Sinais).
- EASTWOOD, Terry
 1994 «What is archival theory and why is it important?», *Archivaria*, (37), p. 122-130.
- EVANS, Frank B.
 1983 *Writings on archives: published by and with the assistance of UNESCO: a RAMP study*. Paris : UNESCO. (PGI-83/WS/5).
- FEBVRE, Lucien
 1996 *Olhares sobre a história*. Porto : Asa. (Sinais).
- FLEMING, Sara, compil.
 1992 «Annual index», *The American Archivist*, 55 (4), p. 658-667.
 1993 «Annual index», *The American Archivist*, 56 (4), p. 840-846.

- FRANÇA. Direction des Archives de France
1993 *La pratique archivistique française*. Dir. Jean Favier. Paris: Archives Nationales.
- GABEHART, Alan D.
1992 «Qualifications desired by employers for entry-level archivists in the United States», *The American Archivist*, 35 (3), p. 420-439.
- GALLEGO DOMÍNGUEZ, Olga; LÓPEZ GÓMEZ, Pedro
1989 *Introducción a la archivística*. Bilbao : Administración de la Comunidad Autónoma de Euskadi; Departamento de Cultura y Turismo.
- GELTING, Michael H.
1990 «The Danish archivist as historical researcher: research and archivists at the danish state archives», *The American Archivist*, 53 (1), p. 148-156.
- GILLILAND-SWETLAND, Anne
1993 «From education to application and back: archival literature and electronic records curriculum», *The American Archivist*, 56 (3), p. 532-544.
- GOULD, Constance C.
1994 «Commentary [Peter LYMAN – Invention, the mother of necessity: archival research in 2020]», *The American Archivist*, 57 (1), p. 134-137.
- GRACY, David B.
1992 «Columbus revisited: the status of archival research around the world in 1992», *Archivum*, 39, p. 520-525.
- GUTIÉRREZ MUÑOZ, César
1994 «The state of research in archival science», *Archivum*, 39, p. 530-532.
- KESNER, Richard M.
1993 «Employing the case study method in the teaching of automated records and techniques to archivists», *The American Archivist*, 56 (3), p. 522-531.
- LEAL, Maria José da Silva, e outro
1988 «Os arquivistas perante os novos desafios: uma perspectiva prática», *Arquivo e Historiografia: colóquio sobre as fontes de história contemporânea portuguesa*. Coord. de Maria José da Silva Leal e Miriam Halpern Pereira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (Temas Portugueses), p. 11-24.
- LIMA, Maria João Pires de
1992 «Os arquivistas, a formação, a profissão», *Cadernos BAD* (2), p. 21-27.
- LYMAN, Peter
1994 «Invention, the mother of necessity: archival research in 2020», *The American Archivist*, 57 (1), p. 114-131.
- MATTOSO, José
1988a «Renovar os arquivos para renovar a História», *A Escrita da História: teoria e métodos*. Lisboa : Estampa. (Imprensa Universitária; 67), p. 67-78.
1988b «O arquivo e a identificação», *A Escrita da História: teoria e métodos*. Lisboa: Estampa. (Imprensa Universitária; 67), p. 79-88.
1992 «O futuro dos arquivos em Portugal», *Cadernos BAD* (2), p. 7-19.
- McCRANK, Lawrence J.
1994 «Primary sources & original works: a Docu Serial™ concerning archives, documentation, and scholarship», *The American Archivist*, 57, p. 290-298.
- McDOWALL, Duncan
1993 «Wonderful things, history, business, and archives look to the future», *The American Archivist*, 56 (2), p. 348-356.

- MICHELSON, Avra
 1994 «Introduction [Peter LYMAN – Invention, the mother of necessity: archival research in 2020]», *The American Archivist*, 57 (1), p. 110-113.
- MOLTKE-HANSEN, David
 1984 «Reflections on the problems of access to archival literature», *The American Archivist*, 47 (3), p. 293-295.
- MOODY, Anna, compil.
 1990 «Annual index», *The American Archivist*, 53 (4), p. 711-726.
- MOREIRA, Carlos Diogo
 1994 *Planeamento e estratégias da investigação social*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- PEREIRA, Miriam Halpern, e outro
 1988 «Por uma articulação entre a política arquivística e a investigação histórica», *Arquivo e Historiografia: colóquio sobre as fontes de história contemporânea portuguesa*. Coord. de Maria José da Silva Leal e Miriam Halpern Pereira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (Temas Portugueses), p. 35-43.
- PORTARIA n.º 122/93 de 3 de Fev., *Diário da República*, 1.ª Série B, p. 446-449.
- PORTUGAL. Instituto Português de Arquivos
 1991-1993 *Guia de fontes portuguesas para a história de África*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses [etc.]. 2 vol.
- ROBERTS, John W.
 1987 «Archival theory: much ado about shelving», *The American Archivist*, 50, p. 66-74.
 1990 «Archival theory: myth or banality...», *The American Archivist*, 53 (1), p. 110-120.
 1994a «Practice makes perfect, theory makes theorists», *Archivaria*, (37), p. 111-121.
 1994b «Response to Terry Eastwood's paper», *Archivaria*, (37), p. 131-133.
- SAMPSON, Caroline
 1994 «When is an archivist not an archivist?», *Journal of the Society of Archivists*, 15 (1), p. 3-5.
- SCHAEFFER, Roy
 1994 «From craft to profession: the evolution of archival education and theory in North America», *Archivaria*, (37), p. 21-34.
- SERRÃO, Joel, coord.
 1984-1989 *Roteiro de fontes da história portuguesa contemporânea*. Dir. Maria José da Silva Leal e Miriam Halpern Pereira. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 3 vol.
- STEPHENSON, Mary Sue
 1991 «Deciding not to build the wall: research and the archival profession», *Archivaria*, (32), p. 145-151.
 1992 «The American Archivist, 1971 to 1990: a demographic analysis of the articles», *The American Archivist*, 55 (4), p. 538-561.
 1993 «The function and content of research methods in graduate archival studies education», *Archivaria*, (35), p. 190-202.
- TAMBLÉ, Donato
 1993 *La teoria archivistica italiana contemporanea: profilo storico critico (1950-1990)*. Roma: La Nuova Italia Scientifica.

- VICENTE, Paula; REIS, Elisabeth; FERRÃO, Fátima
1996 *Sondagens: a amostragem como factor decisivo da qualidade*. Lisboa: Edições Sílabo.
- VIEIRA, João
1994 «Arquivística: algumas ideias gerais sobre a disciplina e as necessidades de formação», ENCONTRO NACIONAL DE ARQUIVOS MUNICIPAIS, 3, Guimarães e Viana do Castelo – *Actas*. Lisboa : BAD, p. 129-143.
- WEILL, Georges
1990 «Les mutations de l'archivistique contemporaine», *La Gazette des Archives*, (149), p. 107-118.
- WHITE, Brenda
1981 *Les revues d'archives leur présentation dans les sources primaires et secondaires: RAMP études et directives*. Paris : UNESCO. (PGI-81/ws/10).
- WILSON, Tom
1994 «Information needs and uses: fifty years of progress?», *Journal of Documentation*. London : ASLIB, p. 15-51.
- WRITINGS FOR ARCHIVISTS, 1990
1993 «Writings for archivists, 1990», *The American Archivist*, 56 (1), p. 84-120.

Agradecimentos

Agradecemos ao Dr. António Gil Matos as facilidades concedidas na consulta das revistas *The American Archivist* e *La Gazette des Archives*, essenciais na primeira fase deste trabalho, bem como a disponibilidade e amabilidade sempre demonstradas. Gostaríamos também de expressar os nossos agradecimentos ao Arquivo Histórico do Banco de Portugal, nas pessoas das Dr.^{as} Stella Pereira e Maria do Carmo Rogado, pelo amplo acesso aos periódicos aí existentes, bem como à sua reprodução, e ainda salientar a cordialidade com que sempre ali fomos recebidos. Uma palavra de agradecimento é devida ao nosso colega e amigo, Dr. Pedro Penteado, pelas indicações bibliográficas que nos forneceu e ao António Manuel Freire, pela competência e inesgotável paciência com que elaborou os gráficos.

Agradecemos de um modo muito especial ao CIDA – Centro de Información Documental en Archivos, com sede em Madrid, a rapidez e diligência com que respondeu a todas as informações que solicitámos, assim como a grande quantidade de documentação profissional que nos forneceu gratuitamente, num serviço de inestimável valor, infelizmente sem paralelo em Portugal.

Entre nós, além de não existir qualquer serviço deste tipo, no IAN/TT, ao qual está cometida, na qualidade de organismo responsável pela política arquivística nacional, e tal como se menciona na respectiva lei orgânica, a função de «promover a formação nas áreas da arquivística [...]» (Decreto-lei nº 60/97, art.º 3º, nº 1, alínea o), sendo a divulgação de artigos técnicos uma das suas vertentes, a situação é a seguinte: são facultadas «a título excepcional» (Ofício 9.4.1 de 10.03.1997 do IAN/TT) fotocópias de publicações técnicas, o preço que vigora é igual ao praticado para a documentação antiga, a reprodução é feita de modo a que a uma página de uma revista com dimensão A5 corresponde uma fotocópia A4.

É pertinente citar, a este propósito, as palavras do actual presidente do IAN/TT, Prof. José Mattoso, em 1992: «Pelo que diz respeito à atitude para com os utentes dos arquivos históricos, implantou-se nos depósitos mais importantes, isto é, naqueles que dão o tom ao conjunto, a má vontade para com os investigadores, sobretudo os mais jovens, a forma arrogante e restritiva com que se lhes faculta a documentação solicitada, ou a sua discriminação, pelo favoritismo com que a alguns se facilita o acesso. Aumentaram-se de maneira exorbitante os preços dos serviços de reprodução, tornando por vezes incomportável o trabalho dos investigadores que têm de preparar as suas provas académicas» (MATTOSO, 1992, p. 13).